



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16323 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT15 - Educação Especial

AUTISMO E EDUCAÇÃO ESPECIAL: ANALISANDO PROCESSOS DE INCLUSÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Erica Daiane Ferreira Camargo - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Giovanna Santos da Silva - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Rosana Carla do Nascimento Givigi - UFS - Universidade Federal de Sergipe

AUTISMO E EDUCAÇÃO ESPECIAL: ANALISANDO PROCESSOS DE INCLUSÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA

1 INTRODUÇÃO

A compreensão da diferença é um grande desafio das pesquisas em torno da inclusão escolar. A busca pela normalidade nos ambientes educacionais ainda é o foco das diretrizes que regem a educação brasileira. No campo da Educação Especial, a educação baseada na pedagogia das competências dificulta o acesso ao currículo aos educandos atípicos e a todos aqueles que não se enquadram com o modelo de aluno idealizado para responder a essa normativa (Laplane, 2018).

As pessoas com autismo, ao entrar de forma muito expressiva no contexto escolar, evidenciada principalmente pelo aumento significativo de matrículas nos últimos anos, proporciona reflexões que são evidenciadas dentro da comunidade escolar. Conforme a *American Psychiatric Association* (APA, 2014), sob a nomenclatura de Transtorno do Espectro Autista (TEA), o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, que se caracteriza por dificuldades nos aspectos sociocomunicativos, interacionais e padrões restritos de comportamento, atividades ou interesses.

Diante dessas configurações para o diagnóstico, deve-se acrescentar a classificação de “espectro”, o que afronta ainda mais a norma estabelecida nos espaços educacionais. Para esses alunos, as dificuldades se estabelecem a partir

das imposições ditadas pelo currículo engessado. Mesmo diante de leis que contribuem para o seu ingresso, especialmente com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI), a trajetória escolar ainda apresenta muitas falhas, sendo muitas vezes configurada por um percurso baseado no assistencialismo e na integração (Laplane, 2018).

À luz da teoria histórico-cultural, Vigotski (2021) nos orienta em seus estudos na Educação Especial da necessidade de compreender os caminhos para atingir os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento a partir das necessidades do aprendente. Além disso, aborda que as práticas pedagógicas devem estar alinhadas às utilizadas dentro da atividade dos seus pares. Como nos aponta Laplane (2018, p. 112), “Vigotski propõe um olhar materialista, histórico e dialético, que além de integrar o biológico, o psicológico, o cultural e o afetivo, preserva o caráter complexo do processo de desenvolvimento”.

Nesse caso, levamos em consideração que o processo de inclusão contribui tanto no aspecto de desenvolvimento e aprendizagem, quanto no aspecto sociocultural. Sendo esses processos resultados das interações sociais e da relação com o meio que os cercam, e ao ocorrer essas trocas, o indivíduo se modifica e modifica esse meio, diante de relações dialéticas que se constituem no caminho percorrido para a concretização dessas transformações.

Diante desse contexto, temos como questionamento: como a escola se relaciona com o aluno com autismo e as suas necessidades? Desse modo, o objetivo desse estudo foi analisar a relação da escola com os alunos com autismo diante dos processos de inclusão em suas trajetórias escolares.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com sustentação na abordagem da pesquisa-ação colaborativo-crítica. Ela parte da necessidade de transformação de um problema de contexto social, visando promover uma mudança social em um processo emancipatório dos participantes a partir da colaboração, participação e reflexão crítica (Jaconi; França; Almeida, 2023).

O estudo foi desenvolvido na Universidade Federal de Sergipe (UFS), no Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguagem e Comunicação Alternativa (GEPELC). Abrange a trajetória escolar de dois adolescentes com autismo, JG e Vi. O trabalho está em andamento desde o ano de 2014.

Quadro 1 – Participantes da pesquisa

NOME	IDADE	INFORMAÇÕES	CONFIGURAÇÃO FAMILIAR
------	-------	-------------	-----------------------

JG	15 anos	Sexo masculino. Apresenta nível de suporte 3 (três), e dificuldades na interação e comunicação. Matriculado no 8º ano do Ensino Fundamental da rede pública da cidade capital.	Vive com a mãe, pai e irmão. Quanto ao sustento, o pai e a mãe são responsáveis, trabalham em um pequeno comércio próprio.
Vi	15 anos	Sexo masculino. Apresenta nível de suporte 3 (três), e dificuldades na interação e comunicação. Matriculado no 7º ano do Ensino Fundamental da rede pública em uma cidade do interior do estado.	Vive com a mãe, a irmã e o padrasto, mas também convive com o pai e a madrasta. Quanto ao sustento, sua mãe é a responsável, é funcionária pública.

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

A pesquisa obteve aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa da UFS, com CAAE 26715114.4.0000.5546 e parecer 561.409. Para atingir o objetivo, foram realizados dois momentos: 1) análise da trajetória escolar; e, 2) análise do cenário escolar atual. Os dados, que foram analisados qualitativamente, corresponderam aos relatórios descritivo-analíticos de atendimentos, reuniões com a família e visitas técnicas-escolares, armazenados no banco de dados do grupo de pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A trajetória escolar de pessoas com autismo é permeada por dificuldades a respeito da inclusão, sendo um resultado dos funcionamentos organizados a partir de uma perspectiva típica (Paiva et al., 2024). Diante disso, temos as experiências dos participantes do nosso estudo, que retratam pontos de discussão representativos nesse cenário. Isso configura a necessidade de estabelecer fortalecimentos teóricos a partir de estudos para as ações de inclusão educacional. Tornar visível as dificuldades e pensar as possibilidades práticas para o enfrentamento pode ser a base para se construir mais caminhos para a inclusão escolar.

3.1 Análise da trajetória escolar

Tanto Vi quanto JG sempre permaneceram matriculados na escola regular. Iniciaram suas experiências escolares ainda na Educação Infantil. Nessa fase, Vi já tinha o diagnóstico de autismo, mas JG, não. Nessa fase, os primeiros anos escolares, retratam um cenário desafiador, quando as diferenças em relação ao desenvolvimento de crianças com autismo, mesmo que ainda não diagnosticadas, começam a ser mais latentes ao olhar (Silva; Leite, 2022).

Ainda na Educação Infantil, para JG, as questões relacionais foram significativas, não conseguia se habituar nos espaços da escola e tinha estranhezas com novas pessoas. Diante disso, houve a necessidade de mudança de escola. Isso reafirma os modos em que as dificuldades interacionais do aluno com autismo reverberam no espaço escolar, gerando a necessidade de mudanças de escola, constituindo novos processos e relações (Camargo; Givigi; Silva, 2023).

Para Vi, que também apresentava muitas dificuldades, essa etapa ficou marcada a partir da indicação de mudança de rede de ensino pelo médico que já o acompanhava. A família de Vi aderiu à sugestão e consolidou sua matrícula na rede pública. Empiricamente, no campo da Educação Especial, observamos que na rede pública há oferta do Atendimento Educacional Especializado e da Sala de Recursos Multifuncional de modo mais consolidado. Entretanto, ainda na Educação Infantil, é uma realidade também marcada por muitos desafios, que refletem as fragilidades em uma educação que contemple a diversidade no âmbito do autismo (Freitas, 2023).

Após isso, tem-se a entrada para o Ensino Fundamental nos anos iniciais, mesmo quando não há mudanças de escola, se configura em transformações. Nesse momento são objetivados resultados mais concretos e os processos de construções das relações sociais. Entretanto, em nossas práticas, observamos que é um período em que as diferenças no desenvolvimento e as dificuldades de aprendizagem vão distanciando o aluno com autismo do processo escolar.

Como Oliveira et al. (2024) apontam, isso demanda o preparo da escola em atender de forma adequada a todos os alunos, independentemente de qualquer condição ou deficiência que o aluno apresente. Os participantes da nossa pesquisa são alunos com autismo com nível de suporte 3 (três). Esse é um fator que instaura dificuldades ainda mais complexas de compreensão do espectro, principalmente de questões comportamentais, ecolalias, estereotípias, obsessão por objetos, como é retratado nos critérios diagnósticos do autismo (APA, 2014).

JG iniciou essa etapa da Educação Básica já com o seu diagnóstico. Foi um período em que se pode perceber avanços na sua aprendizagem. Nesses anos iniciais foi alfabetizado, fazia leituras e atividades. Com o tempo, as atividades se tornaram repetitivas e sem novos conceitos, e se evidenciaram algumas dificuldades de avançar com o processo de ensino. JG precisou mudar de escola muitas vezes, diante das necessidades da família e das dificuldades em relação à escola.

Dentre os muitos impasses, é possível destacar a culpabilização para o próprio aluno e suas questões comportamentais, falta de diálogo com a família, falta de apoio profissional escolar, tratamento diferenciado em relação a outros

alunos, dentre outras questões. É possível observar que na prática os direitos do aluno com autismo não são atendidos da forma em que deveria ocorrer, com recursos insuficientes e falta de preparo dos profissionais (Oliveira et al., 2024).

Na última escola para os anos iniciais, foi possível realizar um trabalho colaborativo de modo assertivo. Junto às nossas intervenções e o engajamento da equipe escolar, o trabalho resultou em um ano muito proveitoso e participativo de JG nessa instituição. Através de práticas colaborativas entre pesquisadores e a equipe escolar é possível provocar novos modos de fazer e pensar sobre o aluno, o currículo e as práticas pedagógicas realizadas na escola (Camargo; Givigi; Silva, 2023).

Já no caso de Vi, permaneceu nesse período do Ensino Fundamental na mesma escola da Educação Infantil. Não houve mudanças significativa de espaço e de relações com a equipe escolar e seus pares. Permaneceu na escola até o 4º (quarto) ano, nesse período, ocorreram algumas retenções de ano, com a justificativa dele vivenciar melhor a etapa escolar e auxiliar em sua aprendizagem.

As retenções foram aceitas pela família, já que esses discursos são nutridos por acolhimento emocional, veiculados como verdades e se proliferam de maneiras errôneas. Essas práticas aparecem em todas as classes sociais quando falamos da educação de alunos com deficiência. Muitos entendem por inclusão retenções e apoio em livros para anos inferiores, sem levar em conta necessidades de adaptações pedagógicas. Isso demarca as falhas na escolarização e no avanço acadêmico desses alunos (Costa; Schmidt; Camargo, 2023).

3.2 Análise do cenário escolar atual

Seguindo o percurso da Educação Básica, chegamos a uma passagem muito importante nessa etapa de ensino: a mudança para os anos finais do Ensino Fundamental. Nessa fase há uma mudança significativa em relação à quantidade de disciplinas e professores, tempo de cada aula, relação com conceitos teóricos e atividades mais complexas, e as dificuldades de aprendizagens ou a defasagem do que foi ensinado nos anos anteriores é refletido nessa etapa (Santos; Gonçalves, 2020). Concomitante a isso, temos os nossos participantes na fase da adolescência, o que torna algumas questões do espectro ainda menos aceitáveis, especialmente no que se refere aos comportamentos. Para além disso, nos deparamos com um cenário pós-pandemia.

JG se encontrava em uma escola maior e com muitas dificuldades de adaptação. Tentamos intervenções, mas havia muita dificuldade da equipe de compreender o autismo e algumas características de JG, as quais se centravam em situações de rigidez comportamental e recusa a atividades. Diante das dificuldades encontradas, especialmente em relação ao diálogo com a escola e as

adaptações, aconteceu mais uma mudança de escola. De fato, a importância de práticas pedagógicas inclusivas, flexibilizações curriculares, dentre tantas outras questões são fundamentais por parte da equipe escolar, principalmente dos professores (Santos; Gonçalves, 2020).

No caso de JG, a família revive o contexto de frustração em relação aos processos de inclusão, presentes ao longo da trajetória escolar de JG. A relação entre família e escola é um debate pertinente na Educação Especial. No caso de alunos com autismo, tal questão reverbera na importância da colaboração entre família e escola, pois um espaço influencia no andamento do outro. Com base na teoria histórico-cultural, tanto a família quanto a escola são meios inerentes para o desenvolvimento do indivíduo, responsáveis pela transmissão de conhecimentos culturais e da aprendizagem humana (Piccolomini, 2023).

Em uma nova escola, menor e mais próxima de sua casa, JG reinicia um novo momento. Entretanto, não havia o profissional de apoio escolar que o acompanhasse no tempo em que estivesse na sala regular. Mesmo com diversas solicitações, passou-se um ano e esse profissional de apoio não chegou. Por esse motivo, JG frequentou apenas a sala de recurso com o AEE. No final do ano a família que, já recorreu a um processo judicial para pleitear esse atendimento, solicitou a retenção do aluno. Contudo, até a escrita deste estudo, JG já se encontra na metade de um novo ano letivo e a situação ainda não foi resolvida.

Atualmente, matriculado no 8º ano, percebemos que as dificuldades de JG ganharam um novo panorama, especialmente em relação às habilidades de leitura e de escrita. Acreditamos que isso tenha uma relação direta com a ausência dele da sala de aula regular, limitado apenas às atividades do AEE.

No caso de Vi, nessa nova etapa de ensino também mudou de escola. Ressaltamos que ele mora em uma cidade do interior do estado. A mãe de Vi buscou que com a mudança de escola, ele fosse acompanhado pelo mesmo profissional de apoio, tendo em vista que ele já necessitaria adaptar-se a um novo contexto de ensino, e estabelecer uma nova relação com uma nova pessoa poderia gerar maiores dificuldades para ele. A necessidade de um profissional de apoio qualificado faz ampliar as vivências e conhecimentos gerados a partir do processo de mediação (Pacheco; Gonçalves, 2022).

Sabemos que estabelecer essas relações é uma tarefa desafiadora para pessoas com autismo (APA, 2014). No caso de Vi, observamos na visita escolar o quanto o profissional em questão aparenta ser interessado em compreender as necessidades de Vi e contribuir com sua inclusão na escola, o que corrobora com o que foi relatado por Pacheco e Gonçalves (2022) sobre a importância do apoio. Além de frequentar o AEE, atualmente está inserido em uma turma regular do 7º

ano.

Todavia, observamos algumas disparidades. Elas ficaram evidentes, por exemplo, nas atividades apresentadas em seu caderno. Não apresenta uma adaptação ao currículo do seu ano de matrícula, resumindo-se à aquisição de conceitos aos quais Vi já tem um domínio. Essas são práticas que observamos comumente nesse contexto, marcada pela dificuldade da equipe escolar em estabelecer de fato a flexibilização e adequação do currículo para o aluno com autismo (Oliveira et al., 2024).

Mesmo assim, observamos nos últimos anos que Vi tem se desenvolvido de modo significativo, o qual acreditamos ter uma relação direta com seu envolvimento no processo escolar. Para além do apoio pedagógico que recebe, a relação com os pares e o apoio que ele recebe tanto de sua família quanto da escola também apresentam sua importância nesse processo, tendo em vista que constituir as redes de apoio contribuem para a inclusão do aluno com autismo em sua trajetória escolar (Paiva et al., 2024).

Diante dessas observações atuais, percebemos avanços e retrocessos em relação ao processo de inclusão e de desenvolvimento desses alunos. Os distanciamentos observados retratam os modos como os processos de inclusão são constituídos na realidade de alunos com autismo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que as dificuldades em torno do espectro constroem estigmas dentro do contexto escolar. Acompanhamos trajetórias escolares marcadas pela necessidade de superar as barreiras que são instituídas ao decorrer de toda a Educação Básica. Foi possível observar a importância da família no decorrer desse processo. Entretanto, muitas escolas não são abertas para esse diálogo. Isso provoca, por exemplo, mudanças de escola, que faz com que o aluno com autismo desenvolva novos modos de configuração em um novo tempo e espaço.

Por fim, faz-se importante reafirmar a importância de tornar o aluno com autismo parte da comunidade escolar. Conviver com a diferença possibilita a construção de uma sociedade mais democrática, que entende que o tornar-se indivíduo vai além de ser um ser produtivo que serve ao regime capitalista. Nesse sentido, possibilita aos sistemas de ensino o entendimento que o aluno é um ser de subjetividades e vai além da aquisição de habilidades e competências.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo. Educação Especial. Educação Básica. Inclusão.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CAMARGO, Erica Daiane Ferreira; GIVIGI, Rosana Carla do Nascimento; SILVA, Giovanna Santos da. A reverberação das dificuldades interacionais do aluno com autismo no contexto escolar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 16, n. 35, p. 1-14, 2023.

COSTA, Daniel Da Silva; SCHMIDT, Carlo; CAMARGO, Sígla Pimentel Höher. Plano Educacional Individualizado: implementação e influência no trabalho colaborativo para a inclusão de alunos com autismo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, p. 1-25, 2023.

FREITAS, Portira Teixeira Machado de. **O Cotidiano escolar e os desafios da criança com autismo na Educação Infantil**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

JACONI, K. M. F. R.; FRANÇA, B. R. B.; ALMEIDA, M. L. A pesquisa-ação colaborativo-crítica como metodologia: um estudo de caso a partir de um grupo de pesquisa. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 10, n. esp2, p. 175–183, 2023.

LAPLANE, A. L. F. Confrontando a norma: modos de participação de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo na escola. **Horizontes, [S. l.]**, v. 36, n. 3, p. 111–120, 2018.

OLIVEIRA, Josiana Marins Ramos et al. Inclusão dos alunos com autismo no ensino fundamental - anos iniciais. In: **Autismo: Uma Abordagem Multiprofissional**. Editora Científica Digital, v. 2, 2024. p. 28-46.

PACHECO, Amanda Ortolan; GONÇALVES, Nahun Thiaghor Lippaus Pires. Autismo e Inclusão em perspectiva: Vivências do Estágio na Educação Especial. **Pró-Discente**, v. 28, n. 1, p. 33-44, 2022.

PAIVA, L. O.; RAMOS, R. F. de S.; SANTOS, R. R. dos; SOUZA, A. A. S. de. Transtorno do Espectro Autista: a trajetória, desafios, necessidades e conquistas de direitos de crianças autistas na educação básica. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Brasil, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 1-23, 2024.

PICOLomini, Walquiria da Silva. **Produções acadêmicas sobre a relação família-escola de alunos com autismo no ensino regular: uma revisão de literatura**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2023.

SANTOS, Emilene Coco; GONÇALVES, Mariana Aguiar Correia Lima. (Des)continuidades no processo de inclusão escolar dos estudantes com autismo nas etapas da Educação Básica. **Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva**, v. 3, n. 3, 2020.

SILVA, Josielma de Cassia de Carvalho; LEITE, Daniela Soares. O ensino para alunos com transtorno do espectro autista no ensino fundamental anos finais. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218** [S. l.], v. 4, n. 3, p. 1-10, 2022.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Problemas de defectologia** – volume I. de Lev Semionovitch Vigotski, com organização, edição, tradução e revisão técnica de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.